

UMA PASTELARIA EM TÓQUIO

um filme de Naomi Kawase

com Masatoshi Nagase, Kirin Kiki, Kyara Uchida,
Miyoko Asada, Etsuko Ichihara

An | Japão, 2015 | 113 min | Cor | M/12



Festivais e Prémios:

- Festival de Cannes — *Seleção Oficial, Un Certain Regard*
- Festival de Toronto — *Seleção Oficial*
- Mostra Internacional de São Paulo:
Prémio do Público para Melhor Ficção Internacional
- Semana Internacional de Cine de Valladolid:
Prémio Melhor Realizador
- Asia Pacific Screen Awards — *Prémio Melhor Actriz*

Sentaro gere uma pequena pastelaria que serve dorayaki — uma espécie de panqueca recheada com uma pasta doce de feijão azuki (“an”, em japonês).

Quando Tokue, uma velha senhora, se oferece para ajudar na cozinha, Sentaro acaba por aceitar, mas de forma relutante. Porém, Tokue revela ter umas mãos “mágicas”, quando se trata de cozinhar “an”.

Graças à sua receita secreta, o pequeno negócio prospera rapidamente...

E, com o tempo, Sentaro e Tokue irão abrir os seus corações e revelar velhas feridas.



ENTREVISTA A NAOMI KAWASE

Como lhe surgiu a ideia de adaptar o livro “An”, de Dorian Sukegawa, editado no Japão em 2013?

Na verdade, Dorian Sukegawa é actor num dos meus filmes, “Hanezu no Tsuki” (2011). Fomos juntos a Cannes, quando o filme foi seleccionado para a Competição Oficial e, enquanto estivemos lá, ele falou-me resumidamente da história de “An”. Depois de terminar a escrita do livro, enviou-mo e perguntou se eu queria fazer um filme baseado nele. Eu li-o e fui atraída pelo modo cuidado como esboça a presença “daquilo que é invisível” na vida. O cinema é o veículo no qual construímos a realidade com aquilo que é visível, mas ao mesmo tempo acredito que ele pode também criar a presença daquilo que é invisível na vida e apresentá-lo a nós enquanto público.

Este filme é muito pessoal? Como é que adaptou a história do livro para escrever o argumento do filme?

Quando estava a escrever o argumento, fechei-me na biblioteca que fica no interior da propriedade do Sanatório Nacional Tama Zenshoen, nos arredores de Tóquio, que acolhe pacientes e ex-pacientes com lepra. Também passei algum tempo a caminhar sozinha pela floresta do sanatório, para sentir a luz e o vento do local, e a conversar com alguns doentes antigos que ali vivem, para poder trazer mais realidade ao meu argumento, assim como ajudar a transformar a linguagem literal numa linguagem mais cinematográfica. De um ponto de vista pessoal, vi em particular a personagem da Tokue, uma das três principais, como um reflexo da minha própria mãe adoptiva, que faleceu há três anos.

As três personagens principais do filme são pessoas solitárias que, por diversas razões, não se encaixam na sociedade. Como é que as suas situações mudam ao longo do filme? A que conclusões é que elas chegam?

Primeiro, ninguém pode viver sozinho. É isto que penso acerca de nós enquanto seres humanos. E também que a maioria de nós passou por algum tipo de desaires na vida. Por vezes, esses desaires podem mudar a vida de uma pessoa de forma dramática. Mesmo assim, cada um de nós deve ter ainda o poder de continuar a viver a sua vida independentemente de tudo o resto. Acredito que isso é intrínseco à nossa natureza. No entanto, por vezes, as nossas sociedades podem confrontar essa vontade e desejo de uma pessoa.

Neste filme podemos ver a personagem principal, Tokue, a ser “roubada” de grande parte da sua vida, mas, ao mesmo tempo, ela também aprendeu uma série de coisas com a situação muito particular na qual foi colocada. Ao serem ajudadas ou afectadas por Tokue, que viveu e passou por muito mais do que elas, as duas outras personagens principais, Sentaro e Wakana, alcançam as suas próprias formas de acreditar em si mesmas e de serem capazes de dar um passo pequeno mas muito importante no sentido de avançarem com as suas vidas.

A sociedade é assim um tão grande agente de exclusão? Ou pensa que são as pessoas a criar as suas próprias barreiras?

Nas sociedades contemporâneas, parece-me que, por vezes, são as pessoas que criam as suas próprias barreiras. Como consequência disso, a uma escala mais alargada, essas barreiras podem levar-nos a recriar as ideias e actos de nos tentarmos livrar dos “outros”. Por vezes, ao olharmos para uma pessoa à distância pensamos que ela está demasiado zangada, mas se nos aproximarmos o suficiente reparamos

que, na realidade, pode estar a chorar. Ou seja, essa pessoa pode estar simplesmente à procura do calor humano das outras.

Mesmo que desta vez a ação decorra apenas na cidade, ao contrário do seu filme anterior “A Quietude da Água”, a natureza continua a ser mostrada de uma forma soberba em “Uma Pastelaria em Tóquio”. Qual o papel desempenhado pela natureza neste filme?

No essencial, o papel da natureza neste filme não é diferente do que desempenhava no meu filme ou filmes anteriores. A natureza é algo que toma conta de nós, seres humanos, de uma forma tranquila. As cerejeiras, por exemplo, não proferem qualquer palavra, mas compreendem e aceitam o que somos e como somos. Elas produzem flores a cada estação, independentemente de tudo o resto, o que é bastante encantador.

Como é que escolheu os actores principais?

Para a Tokue, conversei com o Dorian Sukegawa, autor do romance, e decidimos convidar a atriz Kiki Kirin. Ela leu a história original e aceitou o nosso convite imediatamente e com grande alegria. Para o Sentaro, há muito que sonhava em fazer um filme com o Masatoshi Nagase. E ele assumiu essa minha paixão com enorme agrado. Quanto ao papel da Wakana, levou algum tempo até decidirmos finalmente qual a actriz que o iria desempenhar, mas, no final, optámos pela Kyara Uchida, que na vida real é neta da Kiki Kirin, que faz de Tokue.

Acredita que coisas simples como receitas culinárias podem mudar as vidas das pessoas?

Sim, acredito. Para ser sincera, adoro comer e não resisto a pratos deliciosos. Comer boa comida faz-me muito bem à alma e deixa-me feliz. Também acredito que ninguém fica zangado quando está a comer comida deliciosa.



«A beleza assombrosa dos planos — a gaze fina que faz vibrar as paisagens, a humanidade intensa dos rostos filmados como uma carícia, os ramos inebriantes que nos remetem ao âmago dos tempos primordiais, as imagens suspensas onde a ausência repentina de uma personagem se transforma no todo dessa imagem — só é válida porque revela a superficialidade do mundo, a injustiça profunda da sociedade, a crueza do isolamento e a morte.

A arte da gastronomia não se aprende verdadeiramente senão na intimidade partilhada pelos corpos sobre os fogões, nos murmúrios sibilinos, e nos encontros que alimentam o coração.»

Le Monde ★★★★★

«Todas as cenas na pastelaria entre as três personagens são belíssimas, cativantes e emocionantes. A sobriedade da cineasta é saborosa.»

Le Nouvel Observateur ★★★★★

«Este filme convida-nos para uma magistral lição de vida e de poesia, com tonalidades tão subtis como as das cerejeiras em flor.

Retomando os temas que lhe são caros — a natureza e a partilha —, a cineasta japonesa Naomi Kawase, após o notável “A Quietude da água” (2014), propõe-nos uma delicada crónica em torno de três Robinsons, três náufragos da vida nas suas ilhas urbanas.»

Paris Match ★★★★★

«Estas “delícias” deixam-se apreciar sem desprazer.»

Cahiers du Cinéma

«O novo filme da autora de “Sharasôju” retrata muito bem o Japão contemporâneo e a transmissão do saber e do gosto. Um belo gesto.»

Les Inrockuptibles

«Filmado e interpretado de forma belíssima, o filme ganha um derradeiro sentido de esperança ao confrontar tristeza e sofrimento com compaixão.»

The New York Times

«O filme mantém os pontos fortes da obra de Kawase: a belíssima fotografia, o trabalho de excelência com os actores, e uma atmosfera muito particular.»

Indiewire

«Um conto maravilhoso sobre o qual se manifesta a sensibilidade poética desta cineasta única.»

El Mundo ★★★★★